**Museus de Migrações: O Museu Português da Emigração**

*Maria Beatriz Rocha-Trindade                                                                             Miguel Monteiro*

**Conhecer os Itinerários Migratórios**

Em qualquer processo de migração internacional, seja ele encarado na perspectiva de cada indivíduo ou família migrante ou, numa óptica mais alargada, dos grupos e fluxos colectivos, importa conhecer cada uma das etapas do correspondente *itinerário migratório*. Esta expressão é utilizada para descrever cada um dos passos com que se inicia, se desenvolve e se termina um dado processo de migração internacional.

Na sua forma mais completa, a compreensão do itinerário obriga ao conhecimento, tanto quanto possível completo, do *contexto do país de origem*, isto é, do ambiente que se vivia na região e no local de residência anterior, antes mesmo de ser tomada, de forma irreversível, a decisão de partir. Entre outros dados, importa conhecer: as condições concretas da vida quotidiana; a natureza e condições do trabalho desempenhado; a situação socio-económica da pessoa e da família, bem como as perspectivas da sua evolução futura; e, não menos importante que os dados anteriores, o nível e qualidade da informação disponível quanto às possibilidades de emigrar para um dado destino e quanto às vantagens e inconvenientes previsíveis de tal decisão.

Ainda no contexto do país e local de origem, é importante conhecer, seguidamente, os passos e os requisitos envolvidos na concretização do *processo conducente à emigração*: documentos a apresentar, encargos a satisfazer de imediato ou num período de tempo alargado, disposições a ser tomadas no que respeita à gestão de bens próprios (casa, terras ou negócios) ou para assegurar a subsistência da família, se ela não acompanhar o emigrante, pelo menos de imediato, na partida para o estrangeiro.

A terceira etapa do itinerário diz respeito à *deslocação* internacional propriamente dita. Se, nos dias de hoje e em caso de emigração legal, esta parte do processo quase dispensaria atenção, tal não aconteceu em épocas mais distantes, com viagens marítimas transoceânicas, por vezes com duração de vários meses e riscos significativos para a saúde, o bem-estar e a segurança dos passageiros.

Nesta fase estavam incluídas também, no tocante à partida, a deslocação entre o local de residência e o porto de embarque, bem como uma eventual demora em relação à efectiva data de partida do navio. No que tange à chegada ao novo país, estão compreendidas as formalidades administrativas e legais a observar e o subsequente encaminhamento para os pontos de destino. Todo este conjunto de acções poderia ser demorado, confuso e cansativo ou, quando os recém­‑chegados eram recebidos por familiares ou por contactos locais, estar fortemente simplificado.

É usual distinguir-se, no tocante já à estadia no país e localização do primeiro destino, uma fase inicial, considerada como de *primeira instalação*, durante a qual ocorre a procura de alojamento (mesmo que apenas provisório) e do primeiro trabalho ou emprego, compreendendo ainda a obtenção dos documentos administrativos necessários ao estabelecimento permanente. Este processo tenderia a ser muito mais longo no caso da migração clandestina, dada a falta de legitimidade da presença em país estrangeiro.

Considera-se como período de *estadia prolongada* aquele que decorre de uma mais ou menos longa permanência no novo país de residência e no qual terão lugar, quando seja caso disso, o reagrupamento familiar, a multiplicação das gerações e a progressiva inserção e integração no seio da sociedade receptora.

O itinerário migratório poderá terminar de uma de entre três maneiras distintas: uma *radicação definitiva* no país de acolhimento; um *regresso definitivo* ao país de origem, ou por terem sido plenamente atingidos os objectivos que motivaram a emigração ou, no extremo exactamente oposto, quando se verifique a total falência dos mesmos; por último, uma situação híbrida de *oscilação pendular*, em ritmos diversos, com estadias temporárias num e noutro dos países envolvidos e com residência estabelecida em qualquer deles.

A Figura 1 apresenta esquematicamente as diferentes fases do itinerário migratório, com os desfechos possíveis, tal como acima foi descrito.

|  |
| --- |
| **Contexte d’Origine** |

|  |
| --- |
| **Processus Conduisant à l’Emigration** |

|  |
| --- |
| **Déplacement entre Origine et Destin** |

|  |
| --- |
|  |

|  |
| --- |
| **Première Installation** |

|  |
| --- |
| **Séjour Prolongé** |

|  |
| --- |
| **Contexte d’Adoption** |

|  |
| --- |
| **Retour Définitif** |

|  |
| --- |
| **Séjour Définitif** |

|  |
| --- |
| **Oscillations Pendulaires** |

Figure 1 – Etapes de l’Itinéraire Migratoire

**Museus de Emigração – Museus de Imigração**

É óbvio que o fenómeno migratório é essencialmente dual, tanto no que respeita à existência implícita de dois países distintos, como ainda, para um mesmo actor migrante, o facto de ele assumir conjuntamente a dupla personalidade legal de emigrante, perante o país e os compatriotas da sua proveniência, e de imigrante, no que respeita às autoridades e aos cidadãos do país onde passa a residir.

Também os museus de migrações procuram compatibilizar-se com esta dupla realidade (emigração ou imigração) consoante a sua característica determinante de estarem situados num país receptor ou num país emissor de migrantes.

Nessa perspectiva, os países cujo povoamento foi essencialmente assegurado por imigrantes têm um particular interesse em dedicar os seus respectivos *museus de imigração* ao conjunto das nacionalidades que em maioria acolheram ao longo dos tempos. Estão em situação semelhante as comunidades de origem estrangeira ali residentes, que poderão sentir motivação suficiente para fundar e manter um espaço museológico dedicado aos seus compatriotas radicados nesse país.

Em contrapartida, os países tradicionalmente emissores de migrantes tendem a criar *museus de emigração*, através de iniciativas do poder central, regional ou autárquico, dedicados ao conjunto dos seus próprios nacionais que emigraram para o estrangeiro, podendo ser privilegiado o enfoque naqueles destinos que apresentam particular relevância para determinadas regiões ou localidades do país, por delas terem partido numerosos emigrantes.

Quanto ao público-alvo e motivações específicas de tais instituições, são seus destinatários genéricos as gerações mais jovens, às quais se quer fazer compreender a importância cultural, social e económica das migrações na história do país, da região ou da localidade — ou porque muitos nacionais dali partiram (museus de emigração), ou porque muitos estrangeiros ali se radicaram (museus de imigração).

Uma motivação suplementar consiste no desejo de poder facultar aos descendentes de migrantes a informação e os dados pessoais que respeitem à história de vida dos seus ascendentes: documentos individuais, genealogias, identificação e características das suas terras e culturas de origem. Quanto a esta vocação, não se distinguem os museus de emigração dos museus de imigração.

Sem a pretensão de exaustividade, e apenas como exemplos destes diversos tipos de museus de migrações, podem citar-se os seguintes:

*A - Museus de Imigração*

*Museus Nacionais:*

       Ellis Island Immigration Museum–New York (Estados Unidos da América)

       Pier 21 National Immigration Museum – Halifax (Canadá)

       Memorial do Imigrante ou Museu da Imigração – Moca, São Paulo (Brasil)

       The Immigration Museum – Melbourne (Austrália)

*Museus de Comunidades Imigradas:*

       Portuguese-American Historical Research Foundation on Portuguese Roots  – Franklin, North Carolina (Estados Unidos da América)

       Museu da Imigração Japonesa *–* Liberdade, São Paulo (Brasil)

       Memorial da Imigração Polonesa, Italiana e Ucraniana – Curitiba, Paraná (Brasil)

*B – Museus de Emigração*

*Museus Nacionais:*

       Museu da Emigração: Comunidades e Luso-Descendentes – Fafe, Minho  Interior (Portugal)

       House of Emigrants - Våxjö, Smäland (Suécia)

       Norwegian Emigrant Museum – Hamar (Noruega)

       Cité Nationale de l’ Histoire de l’ Immigration – Palais de la Porte Dorée, Paris (França)

       Icelandic Emigration Centre – Skagafjörour  (Islândia)

       Deutches Auswanderer Haus – Bremerhaven (Alemanha)

*Museus Regionais ou Locais*

       Museo de la Emigracion – Fundacion Archivo de Indianos – Colombres, Asturias (ESpanha)

       Museu da Emigração Açoreana, Ribeira Grande, S. Miguel, Açores (Portugal)

**O *Museu da Emigração: Comunidades e Luso-Descendentes***

Este Museu, sedeado em Fafe, no Minho Interior (Portugal) resulta da iniciativa da Câmara Municipal de Fafe (tomada em 2001) e conta, desde a sua fundação, com a colaboração permanente do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (Portugal), da Casa da Cultura de Porto Seguro (Brasil) e da Federação das Associações Portuguesas de França. É o único museu português com vocação nacional e a sua criação encontra plena justificação pelo facto de residir fora do país um número de Portugueses (5 milhões) equivalente a metade dos que nele residem (10 milhões).

O Museu da Emigração e das Comunidades procura apreender o fenómeno das migrações e a sua expressão em duas perspectivas: no espaço de partida e no de retorno.

Uma das abordagens é feita através das novas tecnologias por permitirem usar grandes volumes de informação, sendo seu objectivo promover a identificação de emigrantes em qualquer das situações. Para isso, recorre a todos os registos oficiais e privados relativos ao fenómeno migratório português; nomeadamente, aos arquivos municipais, distritais e nacionais, a incluir numa Base de Dados Nacional de identificação de emigrantes e das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo.

As ferramentas tecnológicas contemplam os processos de reconstituição de Histórias de Vida, pela identificação do eventual papel que detêm no importante processo de desenvolvimento das localidades de instalação e de retorno, em diferentes domínios, recuperando documentos e objectos associados à emigração, aos emigrantes e descendentes, através de doação ou depósito à guarda do Museu.

 O processo de musealização deste tipo de memória histórica e social permite criar um espaço museológico como lugar físico organizador e gestor do conhecimento e da investigação, promovendo a pesquisa do papel dos emigrantes nos espaços para onde emigraram e naqueles para onde retornaram sob diversas perspectivas: na arquitectónica, industrial, comercial, filantrópica, no jornalismo, no associativismo e nas artes, bem como sobre a circulação das ideias entre Portugal e os territórios de destino.

O Museu projecta-se como um *Webmuseu* no sentido comunicacional, ou seja, como uma plataforma informativa e de dinamização de actividades de pesquisa e divulgação, tendo como destinatários privilegiados os emigrantes, descendentes e associações, nele envolvendo também estudiosos que centram os seus trabalhos nesta área temática, numa lógica descritiva, analítica,  interactiva e em rede.

A parte virtual do Museu encontra-se organizada em seis SalasTemáticas, adiante descritas. A sua parte de suporte físico e material compreende o Arquivo,  a Casa Museu, diversos Núcleos Museológicos e os Sítios Históricos.

Na *Sala da Memória* dá-se visibilidade às expressões materiais e simbólicas da emigração nos lugares de destino e de retorno: na arquitectura, na circulação das ideias, no desenvolvimento de iniciativas económicas, sociais e culturais expressas no espaço público urbano e rural e da filantropia, exemplificando ainda as influências produzidas nos comportamentos sociais e na vida privada.

A *Sala da Diáspora* constitui-se como uma base de dados, organizada por eixos geográficos: Europa, América do Norte, África, Ásia, Oceânia, Brasil e outros países da América do Sul, no sentido da  identificação das comunidades de origem portuguesa espalhadas pelo mundo.

A *Sala da Ascendência* procura construir ou aceder a genealogias, bem como completar a sua organização, através de outras fontes documentais e de informações sobre famílias, bem como os aspectos da "história de vida" de cada um dos seus elementos.

 A *Sala das Comunidades*dedica-seàs associações de pessoas imigradas no Brasil, Europa, América do Norte, África, em muitos países da América do Sul e da Ásia, permitindo o conhecimento da sua história, a divulgação das suas actividades e a manutenção de laços com os territórios de origem**.**

A *Sala da Lusofonia*divulga a vida e a obra de figuras associadas à construção do território mundial onde a língua lusa se implantou, evidenciando as expressões culturais mais significativas desde o tempo da apropriação dos territórios coloniais e daquele em que o Rio de Janeiro foi capital do Reino, até à situação do presente.

A *Sala do Conhecimento* disponibiliza-se para a divulgação de trabalhos científicos nos diferentes domínios do conhecimento sobre a colonização e sobre a emigração, em múltiplas abordagens temáticas, tentando ainda dar visibilidade a documentos, a autores e a instituições científicas. O conteúdo inscrito em cada uma destas categorias determina a organização estrutural informatizada do projecto..

A *Casa Museu*, como museu Histórico, é um Centro de Interpretação, constituindo-se como uma das referências do Museu da Emigração, estruturada em salas de reconstituição da origem, viagem e vivência migratória. Nele se expõem objectos pessoais, reconstituindo ambientes ligados ao quotidiano da família do emigrante regressado do Brasil na posse de considerável fortuna, dando nota do processo migratório e de mobilidade social.

A localização procura valorizar o edifício, tendo em conta a sua inserção no tecido urbano, as suas características arquitectónicas, a decoração do interior e respectivo mobiliário, bem como a história da família do Brasileiro, em contextos público e privado. Na sua figura sintetizam-se as expressões mais significativas da cultura portuguesa do século XIX e primeira metade do século XX.

 Os [*Núcleos Museológicos* e *Sítios Históricos*](http://www.museu-emigrantes.org/../../../../Definições%20locais/Pagina%20Museu/Retorno_Nucleos.htm)são descritos na Sala da Memória, constituindo espaços físicos que podem ser visitados e dão forma a um museu polinucleado, desenhado para a valorização de espólios e das memórias que lhes estão associadas. Nestes lugares e sítios encontram-se acervos documentais e museológicos de cada um deles.

No caso de Fafe, os Núcleos mostram as expressões materiais e simbólicas do ciclo de Emigração e Retorno do Brasil, que se constituem como referentes para a construção dos espaços museológicos: [Hi](http://www.museu-emigrantes.org/../../../../Definições%20locais/Pagina%20Museu/nstarita.htm)droeléctrico, Filantropia, Industrial, Passeio Público, Casa do Brasileiro, Instrução, Artes, Imprensa, Caminho-de­‑Ferro, Automóvel.

O *Arquivo Histórico* procura recuperar documentos e objectos usados pelos emigrantes e descendentes, solicitando a doação ou depósito à guarda do Museu. Constituem documentos com função ilustrativa e descritiva: cartas, diários, fotografias, objectos pessoais e mesmo a reconstituição de ambientes ligados ao processo migratório, tendo especial importância todas as categorias de documentos recolhidos e arquivados; os manifestos de embarque dos navios de passageiros; registos de passaportes concedidos, de saídas efectuadas e de entradas num outro país; as autorizações de residência ou de trabalho aí atribuídas; as contratações colectivas de mão-de-obra estrangeira; todos os censos; listas ou simples contagens que se refiram a populações imigradas — todos são elementos preciosos num museu de migrações.

O Museu compreende ainda um conjunto de *Serviços de Apoio* relacionados com o planeamento, execução e divulgação das actividades; pesquisa sobre ascendências; informação sobre os territórios de origem; intercâmbios de naturezas várias; estabelecimento de contactos e realização de actividades de divulgação; ligação aos centros de conhecimento; recolha e organização documental, estudos científicos e bibliografia especializada; organização de exposições temporárias e de natureza cultural e educativa, encontros e reuniões científicas, culturais e sociais.

Finalmente, o *Centro de Investigação* deste Museu, sendo constituído por pesquisadores que centram os seus estudos na área das migrações, sob diversos olhares disciplinares, é coordenado por um professor universitário especialista na matéria e constitui o eixo organizador da produção científica e a grande finalidade do Museu das Migrações.

Tem-se procurado estabelecer uma ligação permanente, através de protocolos, com Centros de Investigação nacionais e estrangeiros e, directamente, com os estudiosos da migração portuguesa, no sentido da plena integração do Centro numa rede internacional de pesquisa temática.

**Bibliografia**

     Alves, Jorge Fernandes – *Os Brasileiros. Emigração e Retorno no Porto Oitocentista,* Porto, Ed. Aut.,1994, 394 p.

     Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses – *Os Brasileiros de Torna-Viagem no Noroeste de Portugal,* Lisboa, CNCDP, 2000, 388 p.

     Leite, Joaquim Costa – «Emigração Portuguesa: a Lei e os Números (1855-1914)» in *Análise Social,* vol. XXIII (97), 1987, 3º, pp. 463-480

     Monteiro, Miguel – *Fafe* *dos “Brasileiros” (1860-1930) – Perspectiva Histórica e Patrimonial*, Ed. Aut., Fafe, 1991/2004, 291 p.

     Miguel Teixeira Alves Monteiro, *Migrantes, Emigrantes e “Brasileiros”- Territórios, Itinerários e Trajectórias,* Braga, Instituto de Ciências Sociais, 1996, 485 p.

     Monteiro, Miguel – *Migrantes, Emigrantes e Brasileiros (1834 – 1926)*, Fafe, Ed. Aut., 2000, 343 p.

     *Rapport pour la Création d’un Centre National de l’Histoire et des Cultures de l’ Immigration* *, Migrance,* nº 19, Paris, Ed. Mémoire –Génériques, (4ème trimestre), 2001, 134 p.

     Rocha-Trindade, Maria Beatriz – *Iniciação à Museologia*, Lisboa, Universidade Aberta, 1993, 275p.

      Rocha-Trindade, Maria Beatriz – “Musealizar as Migrações” in *História* *(Por Terras Estrangeiras. Emigração e Imigração em Portugal)*, Lisboa, Fevereiro 2002, Ano XXIV (III Série) nº 42, pp.58-63

     Rocha-Trindade, Maria Beatriz – “Literature and Cinema in Migration Museums” in *AEMI Journal,* vol. 4, Aalborg, Danmark, 2006